

Atos contra a Copa do Mundo no Brasil: o fotojornalismo e o fotodocumentarismo na formação do olhar jornalístico

Adriana CAMARGO PEREIRA¹
Cristiano Nascimento OLIVEIRA²
Juliana de Oliveira Rocha FRANCO³
Leonardo Trindade ARAÚJO⁴

Resumo

As imbricações entre o discurso visual – imagético – e o discurso verbal – textual – sempre se fizeram imprescindíveis na interpretação, inteligibilidade e credibilidade da comunicação/jornalismo. Todavia as imagens jornalísticas desempenhavam um papel secundário à importância e ao grau noticioso do fato. Observando imagens jornalísticas que narram os protestos contra a Copa do Mundo de 2014 no Brasil, tenta-se elucidar a importância e a retroalimentação desses discursos como exercício formador no olhar e recorte fotojornalístico e fotodocumental no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Jornalismo. Protestos. Fotojornalismo. Fotodocumentarismo.

Abstract

The overlapping of the visual discourse - imagery - and the verbal discourse - textual always became indispensable in the interpretation, intelligibility and credibility of communication / journalism. However journalistic images played a secondary importance to the news and the degree of apparel paper. Noting journalistic images that narrate the protests against the World Cup 2014 in Brazil, we try to elucidate the importance of these speeches and feedback as a formative exercise in look and photojournalistic and fotodocumental cut in the contemporary world.

Keyword: Journalism. Protests. Photojournalism. Fotodocumentarismo.

¹ Mestre em Artes Visuais e especialista em Artes pela Unicamp. Professora assistente do Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: camargoap@yahoo.com.br.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco. Bolsista da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (Facepe). E-mail: noliveira.cristiano@gmail.com

³ Doutora em Comunicação e Semiótica na PUC/SP. Professora do Curso de Comunicação Social da Faculdade Promove. E-mail: judorf@hotmail.com

⁴ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). E-mail: trindadearaujo.leo@gmail.com

Introdução

Diariamente, estamos habituados a receber, via meios de comunicação de massa, fatos do cotidiano que auxiliam na construção social da realidade. Os fatos se fazem presentes nas sociedades e paulatinamente vão se atualizando, se firmando junto às linguagens. A oralidade, a escrita e a imagem têm nesse processo a sua contribuição particular no que podemos chamar de presentificação. É sabido que o grande salto da imagem foi a sua possibilidade de reprodução técnica (BENJAMIN, 1985), pois, antes de ser copiada e veiculada em larga escala, só era possível a sua publicação por meio de ilustrações ou pinturas em cadernos. A interferência do autor em cada peça, única como cartão postal, era necessária e indispensável e, portanto, improvável a sua reprodução como ocorre com a imagem fotográfica e outras mídias atuais.

Com a reprodutibilidade técnica das imagens, surge outro contexto, um universo mediatizado, no qual a sociedade é bombardeada pelos meios de comunicação de massa e imersa em uma profusão de imagens, fatos, acontecimentos ordinários, que, em ritmo acelerado, alteram as formas relacionais do face a face, hoje praticamente “extinguidas” pela aceleração, inserção e atualização (constante) das mídias digitais, que se acentuaram ainda mais no contexto contemporâneo com a apreensão e a veiculação da imagem digitalizada. E, como consequência direta no sujeito e na sua relação com os meios, essa profusão de imagens e fatos interfere no olhar e na forma de selecionar, recortar, entender e processar o que ocorre no mundo hodierno. Assim, a imagem fotográfica, fotojornalística ou fotodocumental, configura-se como objeto simbólico e determinante, pois se integra às mudanças socioculturais. Ela interage, conflita, opina e intervém nos fatos, propiciando mudanças na forma e no conteúdo dos acontecimentos, promovendo reflexões outras sobre os fatos, principalmente no estudo comunicacional destinado às habilitações (jornalismo e publicidade).

As relações são continuamente atravessadas pelos meios de comunicação e, por isso, é preciso um conhecimento das técnicas de comunicação, pois com elas se constroem e se firmam as expressões de ideias, sentimentos, os códigos, o comunicar, que culminam nas relações socioculturais. Como afirma Sousa (2001, p. 10), “hoje o estar-junto passou a ser necessariamente mediatizado”, e isto tem se tornado cada vez mais constante pelo uso das novas tecnologias: Internet e mídias móveis, especialmente.

Diante do exposto, a proposta deste artigo é evidenciar uma possível construção narrativo-visual que pode ser diferenciada, a depender do recorte e enfoque, a partir de imagens fotográficas veiculadas nos meios de comunicação e perceber as potencialidades da fotografia como narrativa. Uma estória/história que sugere e possibilita analisar intenções, propósitos, acontecimentos presentes nas relações, dos papéis representados pelas partes envolvidas, dos cenários e das temporalidades narrativas.

Para tanto, selecionamos cinco imagens de atos contra a realização da Copa do Mundo no Brasil para observar a reconstituição de uma sucessão de fatos, em torno do tema, que se mantiveram nos noticiários por um período maior. Este tema tem sido frequente nos diversos meios de comunicação, que se apresentam, para leitores, ouvintes, espectadores, de distintas maneiras.

No país onde o futebol é considerado uma das paixões nacionais, o impacto da Copa do Mundo é considerado negativo por 61% dos entrevistados em um estudo desenvolvido pelo Centro de Pesquisa Pew, de Washington. Entre os principais motivos que resultaram em manifestações contra o Mundial em várias partes do país, está o investimento de recursos públicos no evento, que de acordo com os entrevistados na pesquisa, poderiam ter sido investidos em educação, saúde e outros serviços públicos⁵.

Perceber-se-á que cada meio revela a sua visão particular dos fatos engendrados pelas manifestações, com as mesmas imagens, todavia de forma diferente por meio das relações engendradas entre a contaminação dos discursos: verbal/visual. Parece cada vez mais curioso e intrigante o distanciamento entre os discursos acerca da mesma imagem, ou seja: a maneira como o tema é tratado pela grande mídia e algumas possibilidades de (re)criação de imagens mediatizadas segundo uma “singularização” do olhar.

A imagem no jornalismo

Acompanhando o ininterrupto fluxo comunicacional, a imagem fotográfica se desloca, na condição de discurso visual e verbal de retroalimentação, transitando em

⁵ A pesquisa teve ampla repercussão na imprensa e pode ser conferida no link:< <http://oglobo.globo.com/brasil/pesquisa-de-instituto-americano-revela-que-72-dos-brasileiros-estao-insatisfeitos-12702936>>. Acesso em: 04/06/2014

diversas áreas do saber: comunicação, arte-arquitetura, antropologia, cinema, sociologia etc. Pode-se inferir que o processo de construção de sentido desencadeado pelas imagens no mundo contemporâneo decorre da articulação dos repertórios dos indivíduos que interferem na recepção dos produtos mediáticos.

A imagem fotográfica nunca é ingênua, isenta de intenção. Não só aquelas imagens produzidas para fins profissionais, veiculação, quanto aquelas sem propósitos precisos estão carregadas de simbologia e interpretações subjetivas, que envolvem repertório, família, comunidade, educação, relações sociais, oferecendo, assim, espaço para as construções narrativas. Boris Kossoy (1974) demonstra bem esse papel transitivo de interpretação do real pela fotografia:

Havia os fotógrafos que produziam imagens que em qualquer época seriam consideradas importantes e definitivas, e outros que produziam apenas imagens. O objetivo primordial era o de ressaltar o papel decisivo que a bagagem cultural, a sensibilidade e a criatividade podem imprimir no resultado final (KOSSOY, 1974, p 64).

Rousiley Maia (2000) afirma que a sensibilidade hermenêutica permite entender o modo pelo qual os indivíduos se apropriam das formas simbólicas da mídia. Do ponto de vista hermenêutico, os indivíduos têm de articular a própria interpretação das formas simbólicas, uma vez que não podem alcançar uma determinação direta delas, a não ser por conceitos já intersubjetivamente compartilhados. Nesse sentido, as imagens são agentes criadores de sentido no processo comunicativo, pois interferem no processo de apreensão e disseminação do conteúdo simbólico difundido pela mídia e compartilhado por indivíduos localizados em comunidade.

Pensando nas imagens veiculadas e dedicadas exclusivamente aos fatos ordinários, a imagem fotojornalística durante muito tempo de produção e veiculação se comportou apenas como ilustração e complemento à visualidade da notícia. Esse caráter “secundário” conferido à imagem alterou-se significativamente com o tempo e hoje se faz determinante nas rotinas diárias e pauta a construção de sentido no jornalismo.

Nesse sentido, Philippe Dubois (2001) apresenta discussões acerca da imagem fotográfica como espelho do real, que é a sua semelhança com o referente, transformação do real: instrumento que ultrapassa, interpreta e transforma e ainda acerca da ontologia da imagem fotográfica, que se constitui pelo traço do real. Dubois

(2001) contribui com a reflexão aqui proposta, na medida em que compreende a constituição da construção e do entendimento da imagem inserida no contexto sociocultural.

A imagem jornalística integra todo um sistema inter-semiótico e precisa, muitas vezes, de lapidação: adaptações, edição, atenção especializada para a sua inserção em determinado veículo. Assim, as imagens isoladas podem ganhar maior significação se associadas a um contexto que permita observação, construção de espaços relacionais e interpretação no que tange ao social.

Assim, apresentada nos diversos veículos de comunicação e, em razão da convergência das mídias, a imagem faz com que os fotojornalistas se mantenham cada vez mais atentos e preocupados com o conteúdo imagético e a veracidade das publicações, especialmente após a inserção dos aparatos digitais no mercado e os programas de edição de imagem, os sites de relacionamento e o seu compartilhamento indiscriminado, pois, do outro lado, há leitores e espectadores mais atentos e participativos no processo ou mesmo nesse fazer jornalístico-fotojornalístico. Esses, que antes se comportavam como espectadores/leitores passivos e “receptores” de informações, hoje se colocam no lugar inverso e são, muitas vezes, protagonistas e colaboradores numa prática que amplifica, reitera e, em alguns casos, legitima o fato representado pelo discurso visual.

Em relação à prática da reportagem fotográfica, podemos afirmar que ela é determinada por dois processos: fotojornalismo e fotodocumentarismo e, embora cada um deles possua características específicas, ambos se comunicam e se contaminam na produção de sentidos. E, nessa contaminação, a imagem que, em um primeiro momento, pode ser narrada pelo fotojornalismo, pode vir a se empregar como fotodocumentarismo, e vice-versa, dependendo do suporte, veículo e tipo de publicação.

O primeiro, o fotojornalismo, se compromete com as rotinas diárias, de maneira mais direta e factual; o repórter fotográfico não se limita apenas à pauta preestabelecida, aos fatos ordinários e à concorrência de mercado. Impõem-se, ao fotógrafo, perspicácia, atenção e uma dose de “sorte” (estar com o equipamento a postos no lugar certo e no momento preciso). O fotojornalismo caracteriza-se pela temporalidade, ou melhor, é perecível na relação com o fato abordado. Todo o conteúdo imagético provavelmente já foi narrado e compartilhado pela Internet (redes sociais, *twitter*, *sites* etc.), mídias

móveis (*whatsApp*) ou, ainda, noticiado por TV ou rádio. Assim, a melhor foto, o furo de reportagem – uma prática que se configura cada vez mais rara no cotidiano fotográfico – pode evidenciar o diferencial do fotógrafo e do veículo onde ele está trabalhando, conquistando, assim, a atenção e o respeito do leitor/espectador.

Já o fotodocumentarismo é construído com pesquisa, coleta de dados, entrevistas, relatos, documentos. Ele é atemporal e fomenta uma documentação mais processual, em que uma metodologia mais estreita com o fato é desenvolvida e existe uma intensa troca com o objeto de estudo, seguida de um aprofundamento do acontecimento.

Stuart Hall (1998), no texto *The Determination of News Photographs*, apresenta os diversos níveis de mediação que encobrem a prática do repórter fotográfico-profissional que seleciona e distingue a informação. Hall (1998) propõe oito níveis de geração de sentido na fotografia aplicada ao jornalismo. Cada um deles tem a sua peculiaridade e fornece, ao observador, subsídios para interpretar, analisar, localizar no espaço/tempo e “praticar” a imagem fotográfica, e vários deles podem atuar simultaneamente em uma só imagem. São esses os níveis: técnico, denotativo, conotativo, composição, ancoragem, contextualização, manipulação e notícia⁶. Esta separação por níveis tem como objetivo apenas facilitar o entendimento e o estudo das construções visuais narrativas e, como se afirmou, eles não são rígidos.

Por meio de observações contínuas, apontamentos e acompanhamento de imagens/reportagens diárias, notam-se algumas imagens fotográficas tomadas em mais de uma exposição sobre um fato/acontecimento e apresentadas como um ensaio fotográfico; observam-se imagens onde um assunto é explorado com mais visibilidade e apelo pelos meios de comunicação de massa; um discurso visual que narra os desdobramentos de determinado acontecimento, permitindo, parece-nos, leitura e interpretação que conduzem o leitor além da simples denotação em relação àquelas imagens elaboradas em um único registro (como acontece mais com o fotojornalismo). Acredita-se que essas imagens em sequência se fixam no imaginário do leitor e

⁶ Para melhor entendimento apresentamos uma breve explicação dos níveis. Técnico: recursos do equipamento. Todo o aparato técnico que permite a tomada da cena. Manipulação: para fins de layout e alterações no teor noticioso. Contextualização: pano de fundo. Composição: forma. Ancoragem: sustentação, suporte. Denotação: o que está explícito. Conotação: possíveis interpretações. Notícia: o que envolve.

promovem mais questionamentos, suscitando críticas e proporcionando reflexões e, como consequência, promovendo ações nesse receptor.

Já as imagens mais isoladas, que não deixam de narrar e informar, mas que recebem menor visibilidade pela mídia, são imagens que, descontextualizadas, proporcionam leituras e interpretações abertas, pois estão menos direcionadas e operam como um mosaico de possibilidades interpretativas, permitindo o surgimento de um novo conceito ou ideia ou, como afirma Flusser Vilém (2002, p 45), “programando magicamente o nosso comportamento”.

Os meios de comunicação de massa funcionam num contínuo reconhecimento povoado por clichês. Isso também se aplica às imagens jornalísticas. As imagens “clichês” são aquelas em que a interpretação é imediata e se pauta na referencialidade denotativa, repetindo as mesmas categorias. Logo, os indivíduos sociais precisam apontar perguntas, reivindicações, opiniões que questionem os estados atuais, que, segundo Guattari (2000, p. 13) são “reterritorializações conservadoras de subjetividade”. Diante do exposto, acredita-se que hoje é preciso pensar em uma (re)singularização no conceber e produzir imagens.

Atos contra a Copa do Mundo: a imagem e os seus desdobramentos no discurso visual e verbal

Para viabilizar a análise proposta no presente artigo, elencamos cinco imagens, publicadas entre junho de 2013 e fevereiro de 2014, em diferentes sites e portais de notícias brasileiros, com suas respectivas legendas. Assim, demonstraremos como as imagens produzidas e veiculadas sobre o tema nos meios de comunicação de massa não se limitam ao processo informacional nem ao consumo diário do conteúdo, mas atuam também como formadoras de opinião que atualizam, inserem e reinserem normas, conceitos, regras.

Imagem 01



Legendas: “Manifestante é baleado por PMs em SP em protesto contra Copa do Mundo”⁷
“Protesto em São Paulo contra a realização da Copa do Mundo termina em pancadaria e feridos”⁸
“Manifestante baleado em SP é ouvido pela Corregedoria da PM”⁹

Imagem 02



Legendas: “Protesto contra Copa do Mundo em São Paulo teve 146 detidos”¹⁰
“Concentração do primeiro protesto, no vão do MASP em São Paulo”¹¹
“Conheça os ativistas que gritam “não vai ter Copa”¹²

⁷Disponível em: <<http://www.jb.com.br/pais/noticias/2014/01/26/manifestante-e-baleado-por-pms-em-sp-em-protesto-contr-a-copa-do-mundo/>>. Acesso em: 10/04/2014

⁸Disponível em: <<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=446007http://noticias.terra.com.br/brasil/policia/manifestante-baleado-em-sp-e-ouvido-pela-corregedoria-da-pm,65f67f561f9e3410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 10/02/2014

⁹Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/policia/manifestante-baleado-em-sp-e-ouvido-pela-corregedoria-da-pm,65f67f561f9e3410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 20/02/2014

¹⁰Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2014/01/protesto-contr-a-copa-do-mundo-em-sao-paulo-teve-146-detido>>. Acesso em: 21/02/2014

¹¹Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/terceiro-protesto-contr-a-copa-ocorre-nesta-quinta-em-sp-3403.html>>. Acesso em: 18/03/2014

¹²Disponível em: <<http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/02/22/apos-morte-de-cinegrafista-estado-tenta-sufocar-protesto-contr-a-copa-em-sp.htm>>. Acesso em: 18/03/2014

Imagem 03



Legendas: “Um recorte do que tem ocorrido nas manifestações e a Ditadura do Estado”¹³
“Ditadura do PSDB contra o 2º Ato Nacional no Brasil Contra A COPA das Corrupções em Imagens.”¹⁴
“PM atuando em recente manifestação em SP (jornal Zona de Conflito - Mídia Independente)”¹⁵

Imagem 04



Legendas: “Polícia vai usar 'tropa do braço' pela primeira vez em manifestação em SP”¹⁶
“Manifestação contra Copa toma Avenida Paulista”¹⁷

¹³Disponível em: <<http://camaleao.org/noticias/relato-sobre-o-segundo-grande-ato-contra-copa-no-brasil/>>. Acesso em: 6/05/2014

¹⁴Disponível em: <<http://blackblockbrasil.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 04/04/2014

¹⁵Disponível em: <<http://www.blogdotas.com.br/2014/02/25/3-coisas-que-a-pm-deve-ouvir/>>. Acesso em: 08/03/2014

¹⁶Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/2014-02-22/sp-tem-segundo-ato-contra-copa-e-reforco-de-tropa-do-braco-da-pm-neste-sabado.html>>. Acesso em: 08/03/2014

¹⁷Disponível em: <<http://blogueirosbr.com/jovem-baleado-em-protesto-recebe-alta-em-sp/>>. Acesso em: 16/04/2014

Imagem 05



Legendas: “Polícia reprime com violência protesto contra a Copa em SP; 230 são detidos”¹⁸
“Fotos e imagens das manifestações Nacionais contra a Copa das Corrupções da FIFA no Brasil que aconteceu no dia 22/02/2014”¹⁹
“Manifestante blessée”²⁰

É possível afirmar que as imagens midiáticas participam na construção social da realidade, na medida em que transformam a absorção dos fatos ordinários em experiências compartilhadas coletivamente. E isso pode ser elucidado pelas imagens aqui selecionadas, pois cada fotograma cumpre um papel na visualidade do fato ilustrado, e a sua relação com cada uma das legendas fornece ao espectador uma interpretação “particular”, continuada e compartilhada dos protestos apresentados como um fato em evidência nacional e já contextualizado.

O enfoque dado ao recorte (fato/acontecimento) carrega a visão do narrador/enunciador e se configura como um veículo difusor de informação, que atende a determinados interesses e é marcado por uma ordem topológica dos seus elementos, em uma (re)construção e (re)elaboração do real, ou seja: sempre mediado.

A comunicação pressupõe a existência de um repertório e de códigos comuns (PIGNATARI, 1968). Todo signo novo, externo ao código, é, por isso, “ininteligível”. Entretanto, tomando-se experiências e conhecimentos codificados de uma pessoa ou grupo, é possível dizer que esse sistema necessita de informação nova para combater a

¹⁸Disponível em: <<http://virgula.uol.com.br/inacreditavel/curiosidades/policia-reprime-com-violencia-manifestacao-contracopa>> Acesso em: 25/02/2014

¹⁹Disponível em: <http://partidoanarquistainternacional.blogspot.com.br/2014_02_01_archive.html>. Acesso em: 15/03/2014

²⁰Disponível em: <<http://comunismeouvrier.wordpress.com/2014/02/23/images-de-la-repression-a-sao-paulo/>>. Acesso em: 18/04/2014

sua própria tendência a estados invariáveis. Segundo Pignatari, a introdução do signo novo implica alargamento do repertório pelo sujeito.

Com relação às imagens, é emblemático o exemplo fornecido por Dubois (2001), em que um antropólogo mostra a uma aborígene a foto de seu filho, e ela não consegue fazer nenhuma analogia da imagem bidimensional com o referente. Só foi possível o entendimento, pela aborígene, depois que o antropólogo começou a descrever o conteúdo referencial da imagem. Mais uma vez as imagens apresentadas neste estudo corroboram com a informação acima, pois, com base nos níveis de sentido descritos por Hall (1998), percebem-se vários deles, como a contextualização, ancoragem, denotação e conotação auxiliam na decodificação, sugerida por Dubois (2001), dessas imagens apresentadas. Ou seja: essas imagens/fatos já povoam o imaginário e o repertório dos leitores/espectadores que consomem este conteúdo.

Muitas das imagens sobre os atos contra a Copa que são veiculadas e recebidas via meios de comunicação de massa, como “espelho do real”, insinuam apenas um enfoque da questão: os vândalos, baderneiros, ocupantes e oportunistas e depredadores do patrimônio público e da ordem e da razão, agressores e demais conceitos similares. São clichês que colaboram para a produção de mais clichês, caso não se promova essa ressignificação comentada anteriormente.

As imagens e os discursos verbais “clichês” não auxiliam na ampliação do nosso repertório se não forem reinterpretadas e ressignificadas no observado e entendido *a priori*, especialmente essas imagens largamente compartilhadas frenética e incessantemente por esses mesmos indivíduos. Isso pôde ser percebido nas imagens aqui postadas e com as diferentes legendas para o mesmo fotograma. Guattari (2000, p. 17) reafirma essa ideia:

As evoluções tecnológicas, conjugadas a experimentações sociais desses novos domínios, são talvez capazes de nos fazer sair do período opressivo atual e de nos fazer entrar em uma pós-mídia, caracterizada por uma reapropriação e uma re-singularização da utilização da mídia (acesso aos bancos de dados, às videotecas, interatividade entre os protagonistas).

Essa (re)construção e (re)elaboração interferem na interpretação dos fatos visuais e na possível construção narrativo-visual no que concerne à instância receptora, pois, por mais que a imagem fotográfica permita uma interpretação mais aberta

enquanto linguagem visual, mesmo com os seus detalhes de observação, **representar o verossímil**, a recepção dessa imagem será conduzida pelas “realidades” impressas no contexto do acontecimento. Sendo assim, a construção narrativo-visual desse fato será elaborada a partir da observação e acompanhamento desses acontecimentos em pauta e, portanto, retroativa uma nova visão e opinião sobre o assunto.

Leitores, ouvintes, internautas, espectadores recebem imagens sobre os atos contra a Copa e outros temas, veiculados diariamente, com um alto nível de denotação, conotação e manipulação, por exemplo. Nessas imagens são reveladas intenções, muitas vezes, calcadas no contexto atual, social do fato, no teor informativo da notícia e na ancoragem que fornece suporte como sustentação da visão pretendida. Essa visão interfere diretamente no processamento informacional dos indivíduos, pois, ao receberem essas imagens e compartilhá-las com o outro e com o meio, os indivíduos vão constituir uma opinião que é outra, podendo ser similar, oposta, ou diferente da dos meios de comunicação, participando, assim, ativamente no processo de construção de sentido.

A imagem, como produto cultural, não narra somente os fatos datados; ela constrói a realidade social ressignificando-a mediante fragmentos que atuam no universo cultural partilhado: conflitos, informação e formação de opinião. Os meios de comunicação descrevem os dramas e tragédias humanos e, a partir de suas possibilidades narrativas, possuem um potencial disseminador de sentidos que extrapolam a referência direta e racional, pois sugerem imagens, sensações, memórias, desejos, temores, sentimentos de personagens que preenchem as páginas dos noticiários, a programação de rádio, TV e *internet*. Esse processo narrativo do ordinário é possibilitado, também, com a influência dos fragmentos contidos no imaginário e na memória cultural coletiva que troca e ativa e reaviva a realidade dos fatos.

Para estudar parte do sentido da produção fotojornalística e documentarista, é necessário reportar as relações imbricadas na sociedade. A narrativa-visual: o registro fotográfico, na edificação das relações implícitas e explícitas, o espaço físico e social, o encadeamento das ideias. O diálogo entre mediação técnica, sujeito, informante, prática, que fazem parte do “real” proposto. Aliada aos conteúdos verbais, a fotografia é uma expressão visual legitimadora e formadora de opinião.

Não é comum receber imagens sobre os atos contra a Copa, via meios de comunicação de massa (TV, especialmente) com outro recorte: um “olhar de dentro” do movimento. Poucas pessoas que assistem ou leem os jornais de grande circulação conhecem ou acreditam nessa outra visão, pois não tiveram/tem a oportunidade de observá-la. Os atos contra a Copa como movimento político, social e organizado, pode-se dizer que formam também uma “sociedade” a margem. Eles produzem uma nova interpretação e persuasão nacional e este movimento antes de tomar as ruas em forma de protesto, utilizou e utiliza a própria mídia para se organizar, se fortalecer e mostrar no discurso verbal e visual este olhar de dentro para fora do Brasil, pois não é somente no Brasil que eventos de grande porte como copa, olimpíadas etc. foram alvo de grandes protestos e reivindicações – a informação é que não chega até nós, até o outro(s).

Esse “olhar de dentro” pode ser reconhecido a partir de outros recortes sobre o tema, entrevistas e reportagens, fotos que expressam outra realidade, outra visão sobre o movimento e com isso, poder formular uma nova interpretação sobre o tema, além dos “*clichês*” e as suas possibilidades narrativas-visuais. Assim, o trabalho de ensaio apresentado aqui, que foi publicado em redes sociais, *blogs*, jornais e etc, permite uma visão amplificada dos temas abordados, o que pode certamente auxiliar nessa (re)significação que pretendemos dar diante dos clichês. Hoje é necessário superar limitações, os estados uniformes e não deixar de acrescentar novos códigos: repertório, que foi possibilitado pela experiência empírica (MAIA, 2000; PIGNATARI, 1968) do ir para as ruas, do se organizar via redes sociais, do se mostrar enquanto cidadão – “pertencimento”.

Por meio da análise narrativa-visual dessas imagens selecionadas do movimento, se torna possível identificar e interpretar os sentidos nutridos por fragmentos sócio-culturais. O jornalismo é respeitado como um mediador capacitado da realidade social; ele fala, postula mediante um compromisso de veracidade, cumplicidade, fidelidade e lealdade; é agente construtor: atualiza, pontua, apura e discorre sobre o fato.

A narrativa do ponto de vista de sua existência, não é autônoma, visto que aparece em um universo povoado por fatos e outras narrativas, na qual se integra. É necessário observar como uma trama fotográfica é organizada na estrutura narrativa evidenciando as suas estratégias discursivas, os seus desfechos.

As imagens publicadas em sequência: fatos políticos, esporte, polícia, os

diversos acontecimentos veiculados diariamente, são apresentados de forma encadeada (ideias/fatos) e aparente (imagem/texto) de modo a estimular, direcionar a audiência e a “necessidade” dos que irão “consumir” e processar esses conteúdos veiculados.

O ponto de partida do processo narrativo-visual baseia-se nas ações desenvolvidas pela sequencia ativa dos fotojornalistas: atuação-repórter, perspicácia, repertório técnico-cultural, posicionamento localizado ao longo de toda a narrativa jornalística²¹. A postura do repórter fotográfico com o seu olhar, recorte, pesquisa, contexto, ancoragem e estratégia comunicativa são fundamentais para a condução dos fatos de forma rítmica, encadeada, com o alvo de fomentar e suprir a curiosidade sobre o fato narrado sem direcionar a sequencia para uma perda que inviabilize o discorrer da trama. Assim Walter Benjamin (1985, p. 200) afirma:

[...] o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas se “dar conselhos” parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter essa sugestão, é necessário primeiro saber narrar a história.

O narrador fotojornalista/documentarista nessa construção visual se posiciona como um caçador de imagens como pontua Vilém Flusser (2002). Uma verdadeira câmera fotográfica tenta resumir, apreender, tomar todo o espectro visível para registrar em 35mm. Ele se posiciona como um elemento a parte, mediador da trama, um “conselheiro.” Mas que sabe o momento certo de agir e como agir.

Considerações finais

A narrativa jornalística, no caso das sequências aqui apresentadas, ressalta o fato no contexto inserido, favorecendo o diálogo com as partes envolvidas (personagens, cenários, cenas), construindo um ambiente favorável para a atuação na apuração, ancoragem, registro e impressão dos acontecimentos que serão processados e editados.

É importante ressaltar que a linguagem fotográfica é também fragmentada. Em tempo integral se compartilham os sentidos com a empiria, repertório, dialética etc. Na

²¹ É importante lembrar que estamos falando de construção narrativa-visual para fatos sequenciados e não isolados.

comunicação, o contato com a linguagem visual oferece uma apreensão fragmentada e reduzida da realidade, por isso cabe ao observador elaborar, intervir e produzir o sentido.

Com essa construção visual-fragmentada da realidade, o narrador reinterpreta os sentidos de personagens, cenários e cenas. Por meio de um processo de caracterização, o narrador estrutura a história; pontua, aconselha, atravessa tudo que envolve a trama. A partir da proliferação das imagens em sequência, pode-se constatar que elementos estruturais foram definidos pelo narrador para conduzir o leitor ao seu ponto de visão. Como já foi afirmado no caso dos atos contra a copa (a visão fornecida apenas por uma fonte).

Sendo assim é fato que o conteúdo principal, o recorte, a evidência no contexto, ocupa papel preponderante em qualquer narrativa, visto que, como já mencionado, é em seu entorno e em decorrência da sua existência que a narrativa se constitui. Outro ponto importante é o trabalho fotodocumental que ultrapassa os “*clichês*” e possibilita uma nova construção e interpretação narrativo-visual sobre o fato em pauta. A fotografia em muitos casos parece apontar e evidenciar o que não se pode escrever.

Referências

- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.
- GUATARRI, Félix. **Caosmose um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.
- HALL, Stuart apud SCHMITT, Fernando Bohrer. Newsmaking e fotografia: um exemplo das rotinas de produção noticiosa aplicadas ao fazer fotográfico. **Revista Famecos**, n. 9, p. 99-100, 1998.
- KOSSOY, Boris. A chave do êxito, **O Estado de S. Paulo**, Perspectiva, suplemento literário, 1974.
- MAIA, Rousiley C. M. Identidades coletivas: negociando novos sentidos politizando as diferenças. **Revista Contracampo**, n. 5, p. 47-66, 2000.
- PIGNATARI, Décio. **Informação, linguagem e comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1968.
- SOUSA, Mauro Wilton de. **Novas linguagens**. São Paulo: Salesiana, 2001.
- VILÉM, Flusser. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

